

MENSAGEIRO

DO CORAÇÃO DE JESUS | DEZEMBRO 2019

A young girl with dark hair, wearing a brown winter coat with a fur-lined hood and cuffs, is looking down at a lit sparkler she is holding in her right hand. The background is dark, making the light from the sparkler stand out. The overall mood is warm and festive.

MAIS FORMAÇÃO,
MELHORES
CONDIÇÕES DE
VIDA PARA OS
JOVENS
pág. 3

O CORAÇÃO
DA MISSÃO
DA IGREJA
É A ORAÇÃO
pág. 24

**NATAL: UMA LUZ
COMEÇOU A BRILHAR**

PACK
2020



PARA PROGRAMAR O ANO TODO



PREÇOS

Portugal: 13,00€ (portes grátis)

Europa: 16,00€ *

Fora da Europa: 18,00€ *

* Portes de correio incluídos nos preços.
Envio feito mediante pagamento prévio.

Pedidos: Secretariado Nacional do A.O.
Rua de S. Barnabé, 32 - 4710-309 Braga
livros@snao.pt | www.livraria.apostoladodaoracao.pt

MENSAGEIRO

DO CORAÇÃO DE JESUS

dezembro 2019 // Ano CXLIV, n.º 12

Diretor
António Valério, s.j.

Administração
Rua S. Barnabé, 32, 4710-309 BRAGA (Portugal)

Contactos:
Geral: 253 689 440
Revistas: 253 689 442
Livraria: 253 689 443
Email: revistas@snao.pt
Web: www.revistamensageiro.pt
www.redemundialdeoracaodopapa.pt

Direção de arte e produção gráfica
Francisca Cardoso Girão

Paginação
Ana Miranda

Impressão e acabamentos
Empresa Diário do Minho, Lda.
Rua de São Brás, n.º 1 - Gualtar
4710-073 BRAGA
Contr. n.º 504 443 135

Redação, Edição e Propriedade
Secretariado Nacional do Apostolado da Oração
Província Portuguesa da Companhia de Jesus
(Pessoa Coletiva Religiosa - N.I.F. 500 825 343)

Depósito Legal 11.762/86
ISSN 0874-4955
Isento de Registo na ERC, ao abrigo do Decreto
Regulamentar 8/99 de 9/6, artigo 12º, nº 1 a
Tiragem: 9.000 exemplares



ASSINATURA PARA 2019

Portugal
(incluindo as Regiões Autónomas): 15,00€

Portugal (2 anos):	29,00€
Europa:	21,00€
	26,00 Fr. Suíços
Fora da Europa:	27,00€
	35,00 USD
	42,00 CAD
Preço por exemplar:	1,40€

Pagar por transferência bancária:
De Portugal:
IBAN - PT50 - 0033 0000 0000 5717 13255
(Millennium.BCP - Braga);
Do Estrangeiro:
IBAN - PT50 - 0033 0000 0000 5717 13255
Swift/Bic: BCOMPTPL (Millennium.BCP - Braga)

ATENDIMENTO AO PÚBLICO

Horário: 9h-12h30 / 14h30-19h

DANIEL FARIA

Alexandre Freire Duarte



Comecei, e depois prolonguei, os meus primeiros estudos de Teologia no meio de uma atmosfera em que se respirava Daniel Faria (1969-1999) por todos os lados. Todos falavam dele. Uma vez, eram os seus – entretanto feitos meus – professores que o evocavam com nostalgia alegre e expectativa triste. Outras vezes, eram aqueles meus colegas que, tendo sido noviços com ele no mosteiro beneditino de Singeverga, falavam das mais díspares impressões que o mesmo neles deixara. Nada era claro e homogêneo no que ia ouvindo. Nada. Quando eu conseguia abarcar uma ténue coerência, apareciam, imediatamente, mais duas ou três contradições. Cansei-me dessa situação – que tantas vezes sintetizava pensando que o

mesmo fora usado em vida e abusado depois dela – e tentei ignorá-lo.

Durante 15 anos logrei-o, mas quando me abordaram para orientar uma Tese de Doutoramento relacionada com tal teólogo, poeta e (muito reservado) dramaturgo de Baltar, não pude senão regressar àquelas vivas incongruências. Na verdade, tendo passado um verão imerso nas obras de Daniel Faria, estas só adensaram, na minha consciência, a caprichosa impossibilidade de erigir uma qualquer perceção singular acerca deste ou daquelas. Hoje posso dizer que não há *um* Daniel Faria. Há diversos. Do mesmo modo, não há *um* veio autoral nele, mas vários. Todavia, todos eles, por mais fracionados e fragmenta-

dos que sejam, têm uma imperfeita orla comum pela qual ficarei.

Daniel Faria é, sobretudo e aquém do seu valor enquanto tal, um teólogo e não apenas alguém com um discurso teologal. Não é preciso estar sempre a escrever explicitamente sobre Deus, ou acerca do discurso da fé, para que Ele, e este discurso, sejam visíveis no meio dos seus fulgores, tantas vezes repletos de uma meninice não-ultrapassada e de um amor humano claramente recusado. Ainda que não se deva colocá-Lo onde tal malgrado autor não O quis evidenciar – antes respeitar a camuflagem que confunde os seguidores daquela razão pura (e, assim, enredada em si mesma) que não logra tocar o mistério –, Deus-Amor é o Contorno omnipresente das letras dos seus textos. Mas se o é, é-o enquanto ele se serve de algo que precisa de ser traduzido pelo termo «recato espiritual». Quer dizer: por algo que traduza uma delicada e indefesa ligação entre, por um lado, a vertente mais profunda do Sagrado e, por outro, a lucidez oblíqua de alguém que, neste caso, viveu tremendamente ferido a diversos níveis (não menos o da dissimulada artificialidade para que foi impelido).

A solenidade aplanada, mas não por isso menos apoteótica, das suas palavras a pulsarem misticamente no seio da Palavra, bem como a indiscrição discreta das mesmas, apontam para um certo mal-estar espiritual que não é difícil de diagnosticar. Talvez seja por isso que, nestes dias de padecimentos espirituais escondidos, tantas pessoas gostem de o ler: estas, dissolvendo as palavras de Daniel Faria até eliminarem o antes aduzido Contorno, conseguem ler neste poeta o que nele desejam colocar. Em vez de amarem as palavras do mesmo, amam o amor que nutrem por tais palavras. Eis, em consequência disto, uma das qualidades que reconheço nos seus escritos, geralmente repletos de uma fragrância de lusco-fusco emocional fruto do entretecer de uma vontade indómita com uma combatividade astuta. A saber: a qualidade de provarem (tal como acontece com as parábolas do Senhor) que muitos se agarram, não à verdade, mas à defesa, por vezes exaltada, das ilusões com que se autopersuadiram.

Nos diversos poemas que escreveu – numa bravia tentativa de fuga também, mas não só, da nobre condição camponesa que herdou, mas que quis trocar por outras realidades igualmente tidas como majestosas –, este licenciado em teologia e em estudos portugueses não

mostra ter nenhuma das ostentações e fraquezas que encontramos nos mais comuns seres humanos incomuns. Catalizador exímio da portugalidade mais próxima de Morfeu – esse deus grego do sonho que adquiria feições humanas nos sonhos dos humanos –, ele escolheu evidenciar, principalmente, a aura de enlevo egoísta do seu coração, à qual, erradamente, se poderá querer chamar «amor». Enquanto humanizado, civilizado e cristianizado, o amor verdadeiro – nele e tal como eu já afirmei que acontecia a respeito de «Deus» e do «discurso da fé» – não é uma realidade exposta, mesmo quando é usado o seu campo semântico. Daniel Faria conhecia demasiado bem o preço do se amor(t)izar para incorrer nesse equívoco. Desse modo, tal amor genuíno só é encontrado, nas suas palavras e numa luta contra o que é obvio, onde não se crê que ele está, tal como acontece com a máxima beleza patenteada no Crucificado. Eis algo que desafia a todos (e especialmente os que pensam impetuosamente) a não estimarem que os que se emocionam devagar são excessivamente lentos.

Daniel Faria devia ser encarado como um hino àquela verdade intemporal que afirma que o universal não tem nome; ou seja, que o que é comum a todos é anónimo. Todavia, ele acabou emparedado na rígida liquefação da clausura interpretativa que, erradamente e acerca dos seus textos (e até da sua pessoa), quis perpetuar a imagem do excepcional. Face a isto, estimo que se deve enveredar, com um enorme respeito e fascínio que não apaga a infelicidade, por ver tal deslize de análise como mais uma das manifestações de que a história está repleta de uma brisa – à qual podemos chamar «Espírito Santo da surpresa» – sempre disposta a «gaiatices». Estas últimas, não obstante o absorvente burilar levado a cabo por aquele mais magoado do que apaixonado autor, também se podem ver, desta feita somente de um modo deleitoso, nas belíssimas incorreções da sua escrita, as quais revelam que a qualidade desta nunca será tão baixa quanto é, pelo menos hoje, crida como elevada.

Não sei o que o futuro dirá de Daniel Faria. Mas gostaria de acreditar que o mesmo acabará por ser resgatado do coração anémico de quem afirma que a vida é «boa» e «bela», mas, ao mesmo tempo (e mostrando que é tão difícil ser-se humildemente simples quanto é fácil ser-se orgulhosamente pretensioso), testemunha, pela sua vida, que o acreditar na vida eterna é-lhe danoso e arrepiante. Orarei sempre por isso.